

TÓPICO I: A "Língua falada", a "Língua escrita", e o estudo da língua portuguesa

Semana 2

A Norma Ortográfica:

Legislações sobre a escrita da língua

MATERIAIS PARA ESTA AULA

- 📖 Discussões e perguntas da semana no Fórum de FLC0115 - 2010231 (<http://moodle.stoa.usp.br/mod/forum/discuss.php?d=6024>)

Leitura na bibliografia específica para o tópico:

- 📖 CASTILHO, Ataliba Teixeira de (2010). *Capítulo 1 O que se entende por língua e gramática: 1.4 A Língua é um conjunto de "usos bons" - Gramática Prescritiva: 1.4.3 Norma Ortográfica*. In: Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto. 90-95.

Leitura complementar:

- 📖 CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês & LEIRIA, Isabel (orgs.).(1987) "A Demanda da Ortografia Portuguesa". Lisboa: Sá Costa.
- 📖 PESSOA, Fernando. A Língua Portuguesa. Organização Luíza Medeiros. São Paulo: Comanhia das Letras, 1999

Outros Materiais:

- Cronologia dos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa: em Castilho (2010: 92-96)
- Fac-símile da Gramática da Língua Portuguesa de F. Oliveira (1532)
- Fac-símile da Carta de Caminha (1500)

1. Motes para a discussão

1.1 Do Fórum

- ⇒ Olá!!! Pergunta que não quer calar: Com tantos falares diferentes no Brasil, será que o novo acordo ortográfico conseguirá fixar-se? Ele conseguirá atingir aquela massa mais distante de informações? Ocorrendo isso, o que fazer? (Retificando: NÃO ocorrendo isso, o que fazer?)
- ⇒ "Não há uma língua portuguesa, há línguas em português": em poucas palavras o escritor José Saramago, de forma contundente e categórica, apresenta-nos uma idéia da dimensão da língua portuguesa no mundo. A partir da afirmação do escritor, muitas questões poderiam ser suscitadas, fixemo-nos porém nas seguintes:
Por conta de fatores político-econômicos que visam a uma unificação, a pluralidade, bem como o processo de expansão da língua portuguesa no mundo globalizado encontra alguns empecilhos. Nesse sentido, o novo acordo ortográfico também contribui para o processo de expansão? Se sim, em que medida? Além do acordo ortográfico, que outros mecanismos de unificação da língua podemos citar?
- ⇒ São tantas "*línguas em português*", "*filhos maiores de Portugal*"... Como se pode pensar em uma **reforma ortográfica**, que visa a aproximação de uma língua e outra, quando, o que acontece segue em uma trajetória oposta: mais e mais "divisões", mudanças e variações?
- ⇒ O contato do português com a diversidade de cultura dos povos colonizados que passaram a falar a língua e, sobretudo, adaptá-la para sua forma de comunicação nativa enriqueceu o idioma dos colonizadores. A língua está viva porque aceita as variações não apenas sobre o léxico ou a sintaxe mas ainda porque essas variações são capazes de traduzir algumas particularidades de seus falantes. Quando Mia Couto indica que o português perdeu o dono senti nessa afirmação uma possibilidade interessante: essa perda pareceu-me muito com a "suposta" perda de uma mãe ao casar um filho. Ela pensa que perdeu seu filho ou filha quando na verdade, com a união dele ou dela, ganhou no genro ou nora um novo filho, um novo ente familiar. Por ter a convicção que nas piores situações está uma oportunidade de ver o lado bom, acredito que a riqueza da língua está exatamente nessa capacidade de agrupar, incluir, admitir, reconhecer. Dessa forma, não concordo com a reforma ortográfica como uma proposta de unificação dos falantes do português. A princípio porque cada falante tem sua particularidade, dentro de um mesmo território como os sotaques, gírias e regionalismos e isso é parte da riqueza da língua. Considerar a tentativa de unificação como o desejo de se formar um bloco na atualidade globalizada parece-me uma proposta equivocada visto que para formar um grupo de

influência internacional cada país tem também particularidades a serem analisadas e resolvidas. Não se pode considerar que o sistema de ensino ou acesso a saúde pública em outras nações falantes do português é equivalente aos padrões brasileiros ou portugueses, por exemplo.

Justamente por ser uma mina inesgotável de beleza e valor, como relatou Saramago na parte do documentário assistida, uma unificação é traumática, mesmo que seja apenas na escrita.

⇒ Olá Marta!!!

Na verdade, é uma ironia do destino.

Da mesma forma que Portugal instituiu o galego-português depois o português para se diferenciar das outras línguas latinas, Brasil adotou forma de escrita diferente de Portugal para se tornar mais independente.

Houve um **acordo ortográfico** nos países lusofonos em 1945, para tentar unificar a escrita. Brasil simplesmente aboliu e continuou o **formulário ortográfico** que havia feito em 1943, reformado em 1971.

O **acordo** de agora é de 1990. Proposto pelo Antônio Hoais.

⇒ Parece que ideia e traquilo já se escrevia assim em Portugal desde 1945.

Também acho que não deveria impor um novo jeito de escrever, mas não impoem jeito de escrever desde que nascemos, Marta? Um mesmo jeito PB no país todo? Um jeito PE nos outros países exceto Brasil?

Absurdo mesmo era tentar padronizar uma única pronúncia ou adotar uma pronúncia como excelência, como já tentaram antes neste país.

Até.

⇒ Olá.

Não sei se já perguntaram.

Essa reforma não é mais maléfica que benéfica?

Sei que tem muitas exceções de acentuação abolidas.

Sei também que devido a reforma de 1945 e a do Brasil de 1943, corrigida em 1971, contribuíram para aumentar o abismo linguístico de PB e PE.

Mas a reforma não é um movimento artificial demais?

Uma língua deve ser feita por seus falantes, e não imposta por uma academia e afins.

⇒ Uma questão que me deixa intrigada é o fato de que se nós pertencemos a uma comunidade de países que falam a mesma língua, o português, (como mostrado pela colega em sala no livro da "Turma da Mônica") por que há tanta diferença nos falares dessas regiões ao ponto de precisarmos de um acordo ortográfico para nos entendermos? Como foi dito no vídeo "*Falamos a mesma língua, mas ela não é falada da mesma maneira*". Por que há essa diferença?

⇒ Olá Bianca!!!

Primeiro, acho que falar é diferente de escrever...

Acho que cada lugar tem sua história externa e este modifica a história interna da fala.

Segundo, acho que este segundo acordo é porque Brasil e Portugal fica de briguinha para ver quem manda mais na língua. Suponho que só no Brasil se escrevia diferente de Portugal porque os outros seis são independentes a bem menos tempo. Parece que ideia e tranquilo já se escrevia assim em Portugal desde 1945.

É o que acho.

1.3 Da bibliografia

PESSOA, Fernando (1999 ed), *A Língua Portuguesa*:

- “A linguagem falada é natural, a escrita civilizacional. A linguagem falada é momentânea, a escrita duradoura. A linguagem falada é democrática e constante, a escrita aristocrática e episódica”. (1999:55)
- “A linguagem falada é popular, A linguagem escrita é aristocrática. Quem aprendeu a ler e a escrever deve conformar-se com as normas aristocráticas que vigoram naquele campo aristocrático.” (1999:55)
- “Na palavra falada temos que ser, em absoluto, do nosso tempo e lugar; não podemos falar como Vieira, pois nos arriscamos ou ao ridículo ou à incompreensão. Não podemos pensar como Descartes, pois nos arriscamos ao tédio alheio. A palavra escrita, ao contrário, não é para quem a ouve, busca quem a ouça; escolhe quem a entenda, e não se subordina a quem a escolhe. Na palavra escrita tem tudo que estar explicado, pois o leitor não pode interromper com o pedido de que nos expliquemos melhor.” (1999:57)
- “A base da ortografia é não haver confusão de sentido nas palavras escritas. Basta, pois, que uma determinada série de letras não possa representar mais que uma palavra”. (1999:57)

(Pessoa se insurgiu contra a reforma ortográfica de 1911, de bases fonéticas; segundo ele, feita

pelos “castelhanos inconscientes do Governo Provisório”; e defendeu uma ortografia etimológica; cf. o posfácio “*Em Demanda da Ortografia Etimológica*”, de Luisa Medeiros, em “A Língua Portuguesa”)

2. Aprofundamento dessa Discussão

2.1 Algumas Análises

2.3.1 CASTILHO, Ataliba: Norma Ortográfica (In Castilho 2010:92)

“A ortografia é um dos temas permanentes da Gramática Normativa. As línguas de grande circulação, sobretudo quando usadas em mais de uma região geográfica, precisam de um código ortográfico uniforme para facilitar a circulação dos textos.”

“Os códigos gráficos perseguem um objetivo que nunca será atingido: aproximar a língua escrita da língua falada. Escrever como se fala é impossível: basta lembrar a flutuação da pronúncia em qualquer país. As grafias, por isso, representam uma sorte de abstratização sobre a execução linguística, assegurando a intercompreensão.”

“Durante o período do Português Arcaico, cada copista escrevia uma mesma palavra como bem entendia. Elis de Almeida Cardoso selecionou as seguintes variantes de igreja: *ygreja, eygreya, eygleyga, eigreia, eygreya, eygreya, eigreia, eygreia, igleja, igreia, igreja e ygriga* (veja em www.discutindoalinguaportuguesa.com). Já pensou? Aparentemente, nada disso era um grande problema, pois o analfabetismo era geral.”

“A partir do século XVI se passou a perseguir a 'grafia perfeita' - outra utopia. Sucederam-se vários acertos, matéria que mais recentemente tem sido tratada em legislação própria. A grafia tornou-se assim a única manifestação linguística regulada por leis específicas.”

2.3.2 TAVANI, Giuseppe: *Antecedentes Históricos: a ortografia da língua portuguesa* (In CASTRO et alii 1987 201:218)

“A questão da ortografia é um dos capítulos mais atormentados da história linguística portuguesa. Ao contrário do espanhol, que nos fins do século XV encontrou em Nebrija o seu codificador tanto da grafia como da gramática, e mesmo do italiano que, após diversas vicissitudes, acabou por receber a forma gráfica definitiva entre o século XVII e o XVIII, o português manteve até ao princípio do século em que estamos uma grafia tradicional inspirada em etimologias um tanto arbitrárias. Essa conservação, agravada pela tendência dos escritores para forjar ortografias individuais, deu origem a confusões de monta; e ainda hoje, a despeito das numerosas reformas que se sucederam em setenta e seis anos, não estamos em condições de dizer que a situação se tenha tornado absolutamente clara”.

“A história da ortografia portuguesa pode *grosso modo* dividir-se em três períodos, o primeiro dos quais, caracterizado por uma certa aderência da escrita à pronúncia, abraça os séculos que vão do XIII até cerca de meados do XVI; o segundo período (de ortografia etimológica) vai do Renascimento até ao início do século XX e o terceiro (período das reformas ortográficas) desenvolve-se desde então”

2.3.3 MARQUILHAS, Rita: *O acento, o hífen e as consoantes mudas nas Ortografias antigas portuguesas* (In Castro et alii 1996 103:116):

“Dada a natureza, irremediavelmente codificada, e linear, da escrita, enquanto redução a caracteres encadeados, de quando em quando espaçados, de uma realidade como a da língua, só à custa de desesperados esforços se consegue estabelecer um paralelo entre a história das tradições ortográficas e a história da cultura de um povo. Nas escritas ocidentais, um número reduzido de sinais, limitadas soluções de articulação, dois únicos sentidos vectoriais possíveis (da esquerda para a direita, e de cima para baixo) sempre impediram o surgimento de espaços de fuga potencialmente significativos. Por outro lado, em Portugal, e até 1911, nunca se pôde falar de uma única e coerciva ortografia nacional, pelo que a subversão individual de quaisquer regras adquiridas não significava mais que uma mera opção gráfica pessoal. Não puderam, pois, os grandes movimentos culturais deixar nas ortografias suas contemporâneas marcas directas do pensamento que os animava. Mas a correspondência não deixou de se verificar; só que se manifestou de uma maneira indirecta.”

“Devendo a ortografia de qualquer tempo assumir dois compromissos simultâneos - um deles a vinculá-la à tradição gráfica que a precede, para que os seus caracteres se não tornem de repente ilegíveis, e outro a ligá-la à realidade fonética da fala, para que entre os dois sistemas, escrito e falado, não se cortem as relações minimamente exigidas - logo se criaram dois paradigmas alternativos: um extremamente histórico, e outro exaustivamente fonético. teorizar sobre a recta ortografia, em Portugal, tem sido sempre, desde o primeiro gramático, Fernão de Oliveira, argumentar em favor de um ou outro paradigma, propondo soluções ora extremistas, ora conciliatórias. A forma definitiva, contudo, nunca foi encontrada, porque lhe faltou sempre um apoio externo, normativo, absolutamente indispensável para que o convencionalismo da escolha dos caracteres funcionasse enquanto tal.”

2.2 Alguns dados atuais e históricos

2.1.1 MACHADO, Maria Clara (Portal do MEC - 22.08.2007):

“A língua portuguesa é falada por cerca de 220 milhões de pessoas no Brasil e no mundo — aproximadamente 190 milhões de brasileiros, outros 10,5 milhões de portugueses e demais falantes em países africanos e em comunidades na Ásia e América. O que coloca o idioma na quinta posição entre os mais falados do planeta. Entretanto, o português é o único idioma ocidental a adotar duas grafias oficiais.

Para resolver o impasse e alargar a compreensão entre falantes do português, foi criado o **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**, que busca unificar o registro escrito nos oito países que falam o idioma — Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Brasil e Portugal”.(...)

“O congresso brasileiro aprovou a unificação ortográfica em 2001, depois de cerca de dez anos de discussão, quando foi também sancionada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. O último dos três países a aprová-la foi São Tomé e Príncipe, em dezembro de 2006. A previsão é de que o acordo comece a valer em 2009 e que até 2011 todos os livros didáticos brasileiros estejam adaptados às novas regras. “No caso do Brasil, é conveniente adotarmos um prazo que inclua dois anos para adaptação das mudanças”, explica Xavier.”(...)

“Mudanças — Segundo o filólogo Antônio Houaiss (1915-1999), principal negociador brasileiro do acordo ortográfico e quem elaborou a Nova Ortografia da Língua Portuguesa, publicada em 1991, será possível resolver até 98% das diferenças ortográficas do idioma. Mesmo assim, não deve haver uniformização, já que, na avaliação do filólogo, a língua é dinâmica e atrelada às tradições culturais, por isso mesmo a reforma prevê casos de dupla grafia. Um exemplo é o nome Antônio, que os portugueses escrevem com acento agudo, no lugar do circunflexo, em razão da pronúncia mais aberta que a brasileira. Assim, a nova regra prevê a convivência das duas grafias. Outras alterações — serão 20 bases de mudanças no total — são o fim do trema, presente hoje em palavras como lingüiça; a supressão de consoantes mudas, como em actor (escrita portuguesa); novas regras para o emprego do hífen; a inclusão das letras w, k e y ao idioma, além de novas regras de acentuação, em que palavras como idéia e assembléia perdem o acento agudo, entre outras modificações”.

2.1.2 PORTAL DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2010

“A ortografia da língua portuguesa é regida por um conjunto de normas oficiais apresentadas no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Desde o início do século XX quer em Portugal, quer no Brasil, verificaram-se preocupações em estabelecer um modelo de ortografia que pudesse ser usado como referência nas publicações oficiais e no ensino, iniciando-se assim um longo processo de convergência de ambas as ortografias.

No ano de 1943 realiza-se em Lisboa um encontro entre os dois países com o objectivo de uniformizar os dois vocabulários já publicados, o da Academia das Ciências de Lisboa em 1940 e o da Academia Brasileira de Letras em 1943. Este encontro originou o Acordo Ortográfico de 1945, que apenas se tornou vigente em Portugal, não tendo sido ratificado pelo Brasil que continua a reger-se pelo Vocabulário de 1943.

Em 1986 foi feita, no Brasil, uma nova tentativa de uniformização mas não se chegou a nenhum consenso. Anos mais tarde, fruto de um longo trabalho desenvolvido por ambas as Academias, os representantes oficiais de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe assinam o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, ao qual em

2004 adere Timor. O texto do acordo de 1990 não entrou em vigor por falta de ratificação.

Em suma, vigora no Brasil o Formulário Ortográfico de 1943 e em Portugal e nos restantes países da CPLP (Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa) o Acordo Ortográfico de 1945.

Tal como os acordos, também as nomenclaturas gramaticais são diferentes em Portugal e no Brasil. A legislação que coloca em vigor a Nomenclatura Gramatical Brasileira data de 28 de Janeiro de 1959, enquanto que a equivalente portuguesa é de 28 de Abril de 1967”.

3. Novos motes para discussão

Voltaremos ao tema específico da norma ortográfica quando formos tratar de alguns aspectos da variação linguística na língua portuguesa. Por enquanto, vamos relacionar o tema de hoje com as seguintes questões selecionadas do Fórum:

- ⇒ Uma questão que me deixa intrigada é o fato de que se nós pertencemos a uma comunidade de países que falam a mesma língua, o português, (como mostrado pela colega em sala no livro da "Turma da Mônica") por que há tanta diferença nos falares dessas regiões ao ponto de precisarmos de um acordo ortográfico para nos entendermos? Como foi dito no vídeo "*Falamos a mesma língua, mas ela não é falada da mesma maneira*". Por que há essa diferença?
- ⇒ Em um único país, com uma única língua oficial, o português, como existir tantos sotaques, tantas gírias? Tantos modos de se dizer uma única frase com o mesmo significado? De onde veio e surgiu o jeito de cada região brasileira ter seu modo particular de se comunicar? E o porquê o modo de escrever é sempre o mesmo voltado para a conservação?
- ⇒ Qual a explicação para a homogeneidade da "língua portuguesa", durante tantos séculos, tendo em vista a distância geográfica dos países falantes da língua?
- ⇒ Ao pensar na língua portuguesa, com todas as suas nuances, me questiono se a unidade da língua não é fruto da capacidade que ela possui de conviver com as suas variações e possibilidades. Outra questão que sempre acompanha está é: Será que a sobrevivência de uma língua não estaria diretamente ligada a esta capacidade de conviver com as variações?
- ⇒ Uma coisa bem interessante na discussão sobre o estudo da língua é o fato de que ela, apesar de ser criada (e a todo momento recriada) pelos seus falantes, sofre mudanças que não dependem da vontade de quem a usa. Casos pontuais como o suave têm sim uma origem na criatividade do indivíduo, mas a teia complexa da variação linguística é composta por inúmeros fatores, tornando-se impossível induzir uma mudança na língua sistematicamente. A língua é feita pelas pessoas, mas de um modo que torna-se algo maior que a individualidade.
Por causa disso, ao se estudar o que é o nosso idioma é tão importante uma abordagem científica. A ciência mapeia o mundo ao nosso redor, tal como ele é. E a linguagem, feita pelo coletivo, não pode ser prescrita, apenas estudada.
- ⇒ Sim, Estou de acordo com o Marcos quando ele trata do caráter contraditório da língua: Ela muda de acordo com as individualidades dos falantes porém os mesmos não tem consciência imediata desta mudança.
Todavia, minha dúvida é a seguinte: Fala-se em Português Brasileiro e Português Europeu; em Inglês Americano e Inglês britânico; em Francês Europeu e Francês Canadense... Há métodos e ferramentas teóricas para separar línguas? Até que ponto pode-se dizer que a língua falada no Rio Grande do Sul é uma variante do Português e a língua da Argentina é OUTRO idioma? Qual é a diferença entre dialetos e línguas?
Faço esta pergunta porque há dialetos que se distanciam tanto da "língua padrão" e idiomas tão parecidos, impossibilitando, acho eu, uma divisão mais exata.

TÓPICO I: A "Língua falada", a "Língua escrita", e o estudo da língua portuguesa

Semana 3

A Norma Culta

O "Certo" e o "Errado" na escrita e na oralidade

MATERIAIS PARA ESTA AULA

- 📖 Discussões e perguntas da semana no Fórum de FLC0115 - 2010231 (<http://moodle.stoa.usp.br/mod/forum/discuss.php?d=6024>)

Leitura na bibliografia específica para o tópico:

- 📖 CASTILHO, Ataliba Teixeira de (2010). *Capítulo 1 O que se entende por língua e gramática: 1.4 A Língua é um conjunto de "usos bons" - Gramática Prescritiva* In: Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto.

Leitura complementar:

- 📖 GULLAR, Ferreira. Quando o errado está certo. Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada. 20.06.2010. <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2006201030.htm>>.

1. Motes para a discussão

- ⇒ O que eu estou achando estranho é o sentido do estudo da língua, realmente existe o caráter conflitante entre o prescritivo e o normativo, resultando na consciência de não se fazer um juízo etnocêntrico sobre a variação local como a "correta", mas ao mesmo tempo lembrando que o idioma é um código comum, assim, me parece que a questão é sobre ensinar-se muitas variações e sobre os contextos de uso, o que Preti chama de "situações de comunicação", legando ao falante que este escolha a forma de seu discurso livremente.
- ⇒ Não sei se todos tiveram a oportunidade de ler o capítulo de O português da gente, "Português do Brasil: a variação que vemos e a variação que esquecemos de ver", mas nele há uma discussão importantíssima e que reitifica o que veio sendo discutido aqui no fórum. Qual o verdadeiro propósito da gramática? Como apontam Ilari e Basso, seria ingênuo de nossa parte acreditar que a intenção é corrigir, apenas, o que os autores chamam de "edificante". Antes, representa uma outra forma de exclusão e manutenção da desigualdade. Por fim, uma segunda discussão: por que as formas discriminadas, desvalorizadas são as que têm a maior frequência de uso, até pelos que dominam a norma padrão da língua?
- ⇒ Gostaria primeiramente, para iniciar uma discussão sobre o ensino de gramática (tema tratado pelo professor Ataliba em sua entrevista para a ReVEL), de colocar aqui uma reflexão do poeta Ferreira Gullar publicada na Folha no último dia 20 de junho. "Sabe-se que, para a maioria dos linguistas, não existe isso de falar errado: todo o mundo fala certo. Admitem existir uma "norma culta", que obedece às regras gramaticais, mas violá-las não é propriamente errar. Ouvi de um deles que está tão certo dizer "pobrema" como "problema". Obtuso como sou, tenho dificuldade de entender por que eles mesmos vivem escrevendo livros e colunas em jornais, ensinando como se deve escrever. Ora, se não existe falar errado, por que ensinar?". Segundo o professor Ataliba, inicialmente, o interesse dos estudos da língua portuguesa falada era apenas descritivo. Porém, o resultado desses estudos mostrou-se proveitoso para as atividades educacionais. Como disse o professor, "por meio da língua falada poderíamos chegar à língua escrita, num percurso mais proveitoso, porque fundamentado no que o aluno já sabe para chegar a domínios que ele não conhece". Esses "domínios que ele não conhece", pelo que me parece, são os da gramática normativa, de forma que, ainda que devamos aceitar a variedade da língua falada, há um objetivo a ser perseguido na escrita, que é o domínio da norma culta, certo? Assim, o problema não estaria necessariamente em ensinar a norma culta da língua portuguesa, mais em como ensiná-la, não? Incomodado com o rumo tomado pela língua portuguesa falada na TV e escrita nos jornais, Ferreira Gullar termina seu artigo com o seguinte questionamento: "será que escrever certo é elitismo?". O que vocês acham?

- ⇒ Vitor, concordo, mas não adianta, quando escrevemos, a menos que tenhamos muita intimidade com o leitor, sempre tendemos a ser um pouco mais formais, eu penso. E vocês?
- ⇒ Para quem tiver interesse, segue o artigo completo do Ferreira Gullar. Discordo de vários pontos do texto, mas acho interessante lê-lo, uma vez que se trata de uma visão bem diferente da dos autores que costumamos ler nos cursos de IELP. Lembrando que Ferreira Gullar é considerado um dos mais importantes poetas da língua portuguesa da atualidade...
- ⇒ Li um livro do Marcos Bagno onde ele fala que a gramática do português é muito baseada na cultura e vida de Portugal e mesmo assim essa gramática é cobrada dos brasileiros no falar e no escrever. Partindo disso, penso que seria um erro das escolas propagarem uma visão errada da língua, que se baseia em conceitos ultrapassados e tão distantes de nós. Porque, então, essa nova gramática do português brasileiro, de Ataliba de Castilho não passa a ser adotada como referencial em termos de ensino? Digo isso por experiência própria, já que sempre achei as aulas de gramática horríveis por não ver uso naquilo que eu tinha que "aprender".
- ⇒ Os pesquisadores da língua falada defendem que "atingiríamos com mais eficácia a língua escrita se começássemos nossa prática escolar pela reflexão sobre a língua falada", mas na língua falada, não estamos preocupados com a gramática, se tal pronome foi ou não colocado de uma forma correta, pois é usada no dia-dia. Já na língua escrita, temos essa preocupação, pois ela exige o uso correto da gramática. Com base nessa contradição, de que a língua falada é mais flexível e a escrita mais conservadora, eu pergunto se essa imposição da gramática na língua escrita e a maleabilidade do uso da gramática na língua falada, não fez com que ela se tornasse um bicho de sete cabeças, temida por todos?

2. Aprofundamento da discussão

A partir das questões levantadas no fórum nesta semana, selecionadas acima, e à luz da leitura do primeiro capítulo de Ataliba (2010), vamos discutir o texto de Gullar (2010), em especial quanto aos seguintes trechos:

"Sabe-se que, para a maioria dos linguistas, não existe isso de falar errado: todo o mundo fala certo. Admitem existir uma "norma culta", que obedece às regras gramaticais, mas violá-las não é propriamente errar. Ouvi de um deles que está tão certo dizer "pobrema" como "problema". Obtuso como sou, tenho dificuldade de entender por que eles mesmos vivem escrevendo livros e colunas em jornais, ensinando como se deve escrever. Ora, se não existe falar errado, por que ensinar?"

"Já mencionei aqui, noutra ocasião, a tal lei da termodinâmica, segundo a qual os sistemas tendem à desordem. Sendo a língua um sistema, está sujeita a desorganizar-se, como o atestam os exemplos citados, tanto mais hoje em dia, quando a TV induz milhões de pessoas a falar errado. Essa mesma TV que poderia se tornar um instrumento decisivo na luta contra a entropia. Ou será que escrever certo é elitismo?"

3. Preparação para a próxima semana

Nesta semana, depois da aula em que lemos a Carta de Caminha, surgiram no Fórum algumas questões que sugerem uma discussão importante sobre a história, a unidade e a diversidade da língua. Para trabalhar com elas, nesta semana usaremos o Fórum de um modo diferente. Cada um deve ler as perguntas selecionadas abaixo, e sugerir para uma delas a leitura de um texto da bibliografia selecionada para o Tópico I. Na sugestão, você deverá expor as razões pelas quais o texto escolhido seria pertinente em relação à questão colocada:

- ⇒ Uma das questões mais intrigantes no estudo da evolução da língua portuguesa é a de que, a despeito de todas as variações que a fragmentam, persista ainda uma unidade que a sustente. Afinal, por que somos capazes de entender quase que integralmente um documento de mais de quinhentos anos, como a carta de Caminha, se essa língua sofreu até aqui, em São Paulo de 2010, inúmeros efeitos de ordem diacrônica e diatópica? Qual força age no sentido de manter a unidade linguística, impedindo seu esfacelamento? Ou será que esta erosão é apenas mais lenta do que podemos perceber, e que as variações linguísticas, em seu ritmo lento e inexorável, levem, num futuro muito distante, um falante brasileiro a ser incapaz de compreender por completo a carta do descobrimento?

- ⇒ Eu já estou ficando confusa. Na aula passada analisamos a carta do Caminha, podemos não ter entendido tudo, mas a mensagem foi passada. Não é isso o que importa?
- ⇒ Quais as mudanças mais profundas que a língua portuguesa sofreu desde o período em que a Carta de Caminha foi escrita?
- ⇒ Na esteira da discussão sobre o que determina a unidade da língua... Será que línguas que, no momento presente, são consideradas línguas diferentes, não possuem semelhança maior do que uma mesma língua em momentos históricos distantes? Por exemplo, o Espanhol hoje não está mais próximo do Português do que o próprio Português de sua variante do séc. XIV (tinha pensado primeiro no séc. XV/XVI, mas acho que a Carta de Caminha me desmentiria)? Se o critério adotado para determinar a unidade for a compreensão entre os falantes, o Port. antigo não seria considerado outro idioma? Porque, eu acho que, apesar das semelhanças na escrita, a fonética e a prosódia do séc. XIV deveria ser BEM diferente da atual.
- ⇒ Não saberia dizer. Pra mim, a distância histórica de uma língua será frequentemente menor do que a distância entre duas línguas distintas. Quando falamos e pensamos em unidade de língua, não existe só a unidade "linguística" propriamente dita, mas acho que, salvo ressalvas, há uma mínima identidade cultural, garantida, primeiramente, pela língua.
- ⇒ Amigos e colegas,
Na última aula, durante a leitura da carta de Caminha, acredito que alguns devam ter sentido que estavam em aulas de outros idiomas, como eu me senti. Lembro que minhas professoras de inglês sempre me pediam "pelo amor de Deus" para tentar entender o contexto todo e não procurar traduzir palavra por palavra. Foi esta memória que o exercício da última aula trouxe para mim. Continuei, assim, entendendo a língua como um fenômeno abrangente e, ao pensar na liberdade da fala e unidade da escrita, também ambíguo. Lembro de ter acompanhado um amigo professor durante as aulas para ensino Fundamental II. Eram aulas de produção de texto numa escola pública da periferia de SP. Ele me pediu para avaliar os textos e eu, defensora da gramática normativa e de uma ortografia impecável, ficava desesperada com os "erros" ortográficos dos alunos. Ele me impedia de corrigi-los porque seu trabalho com a turma era gradual. Segundo meu amigo, aquele era o momento de desenvolver o raciocínio e outras habilidades que não a ortografia. A discussão foi aumentando porque eu sempre considerei que o aluno tem que dominar todas as habilidades ao mesmo tempo (já que foi assim que eu aprendi) e que aqueles alunos teriam que escrever "corretamente" para uma seleção de trabalho, um vestibulinho, o ENEM. Enfim, isso sempre foi polêmico e confuso na minha cabeça.